

Derrota interna ameaça acordo da dívida

Miriam Leitão

Foi uma dura semana para Maílson Ferreira da Nóbrega. Se rompeu o domingo anunciando o que julgava ser a carta definitiva para ganhar o jogo — o pré-acordo da dívida externa —, antes de quarta-feira concluiria que o cargo de ministro da Fazenda do Brasil, neste quarto de século, é um dos mais espinhosos empregos do mercado.

Vislumbrar um horizonte de relações normais com a comunidade financeira internacional é apenas uma das equações que teria que fechar nos mesmos sete dias. Na quarta-feira, tendo a seu lado apenas o velho amigo e ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, Maílson foi batido pela estranha aliança entre ministros civis com ambições políticas e irredutíveis ministros militares dispostos a conjurar os adversários dos soldos de suas inquietas tropas.

A derrota interna no plano contra o aumento dos gastos do governo torna menos expressiva a vitória externa. Se não mostrar autoridade sobre as anárquicas finanças públicas, o ministro Maílson da Nóbrega pode abandonar os planos de fechar um acordo com o FMI e garantir a volta dos fugidos financiamentos externos. Menos chance terá de domar a incontrolável inflação brasileira.

O grave quadro econômico foi apresentado pelo JORNAL DO BRASIL a alguns dos melhores economistas do país: Mário Henrique Simonsen, duas vezes ex-ministro, Paul Singer da USP, o empresário Márcio Fortes, presidente do BNDES e os professores Francisco Lopes, Edmar Bacha e Dionísio Dias Carneiro. Eles não negam a vitória externa, mas alertam para o perigoso descontrole da inflação e a necessidade de que em algum momento o ministro da Fazenda tenha tempo para perceber que, paralisado pela dimensão do dilema do curto prazo, o Brasil pode acabar esquecendo a questão central: a necessidade de financiar o próprio futuro.